

Pensamentos Inéditos

EDUARDO GIRÃO

1

Os gênios são criadores, mas não tiram do nada: divinizam-se, transformando a essência infinita na infinita grandeza das criações imortais.

2

Os símbolos são realidades transfiguradas.
No homem, se transfaz a natureza: somos também símbolos.

3

Sentença bíblica: "Quem aumenta em sabedoria aumenta em mágoas".
Todavia, é igualmente certo: somente da sabedoria vem ao homem a graça e o consôlo de tudo compreender e perdoar.

4

No moço, o cérebro é botão que desabrocha, enquanto já o coração é flor aberta. Daí, na mocidade, ceder tanto a verde razão ao impulsivo sentimento.

5

Li: "Bendize tudo que acontecer."
Será consôlo crer na fatalidade?
Cabe aqui ouvir de Sêneca: A esperança é um mal, porque torna a alma intranquila.
Terá razão o filósofo?

6

A imperfeição dos homens traz-lhes a variedade e, com esta, alívios e tréguas á monotonia da vida.

Não cabe aos deuses esta graça, perfeitos que são e imutáveis.

7

Do chão erguem-se os túmulos; mas, ainda os mais imponentes, não levantam os mortos do seu repouso.

Pode justificá-los a humana piedade; no entanto, sempre inúteis serão contra o nivelamento da morte.

8

Feia, a verdade?

Nunca. A verdade exprime o que existe ou acontece.

Não é nela, é nisso que estará a fealdade.

Filha da luz, — a verdade é sempre bela.

9

Ser medíocre fortalece: é estar no centro, sem o perigo dos extremos.

10

A saúde é na vida o néctar mais doce. Entretanto, quando nos deixa, somente nos deixa amargura.

Vinga-se: não é dela que nos sentimos saudosos, e, sim, da felicidade que nos deu e já passou.

11

Boa norma é procurar na própria malícia o malicioso.

A teia denuncia a aranha.

12

A estrada da vida é diferente das outras. Não preexiste. Somos nós mesmos que a vamos abrindo e palmilhando, cheia de sol ou por entre sombras e terrores.

13

Há enganosa simulação nas segundas intenções.

Envólto nessa penumbra, o intuito real acautela o efeito desejado, e, só depois reponta, sutil e tímido, equívoco e furtivo, entre os reflexos semi-escuros do disfarce.

14

A vaidade faz de cada mulher uma artista: não raro, porém, o exagêro lhe desvirtua e sacrifica os papéis e a arte.

Não é comum na mulher o senso da medida.

15

Olhar o que se não deve ver é culpa, e tôda culpa reclama punição.
Ao êrro sempre se junta a mágoa.

16

Há palavra de honra: não é certo, entretanto exista sempre honra na palavra.

17

Infelizmente, na sua vaidade, o homem prefere não ver ao gôsto de ser visto.

A vaidade é também uma cegueira.

18

No passado está o esquecimento, a dor ou a saudade. Não pode, infelizmente, a velhice libertar-se de lhe ser contemporanea e imitadora.

19

A Natureza deu a todos os homens a mesma vida e diverso temperamento.

Uniu-os e desuniu-os: com a vida, fê-los irmãos; com o temperamento, fê-los estranhos — bons e maus — cada qual ator, consciente ou descuidoso, do seu papel no palco do mundo.

20

Ninguém se livra das penas da morte, e é duvidoso que a morte livre de penas.

21

Nos vícios, há imitação aos abismos: cumulam os efeitos, como os abismos tornam, no seu recesso, mais denso o negror das sombras.

22

Crepita no homem um incêndio: ilumina-o a chama do bem; enegreco-o o fumo da maldade.

23

Vem disto o maior sofrimento do mundo: o homem tem vencido a natureza, mas — natureza também — não pôde ou não quis ainda triunfar de si próprio, no escuro cativo das paixões e dos instintos.

24

Avara consigo mesma, é, todavia, a vaidade dadivosa demais para a alheia lisonja.

Excede-se no favor em troca do aplauso, muita vez, discreto ridículo, senão capotosa vileza.

25

Muito exigir obriga a muito sonegar.

O excessivo de proibições, numa disciplina moral, gerará sempre o excessivo desrespeito.

26

Prende-se o corpo; só é encarcerado o espírito, quando se lhe veda a manifestação do pensamento.

27

Dor — acérrima inimiga!

Não a maldiga, contudo, o homem.

Só ela o fará conhecer-se a si próprio. O prazer não esclarece; ao invés, abstrai, deixando esquecido em nós o ser interior.

28

Os princípios modelam; fora dêles só imperar a urgência dos acasos e, com ela, a imperfeição.

29

O pedantismo é um requinte — a superioridade que a si mesma se atribui a tolice inadvertida e presunçosa.

30

De La Bruyère: “Quem vive um dia vive um século” Porque, diz, tudo se repete ou é o mesmo no mundo. Mas não é tanto assim. O tempo quebra a monotonia: não é do mesmo modo que cada idade vê ou sente as mesmas coisas.

31

De todo resultará nulo o esforço de fixarmos o definitivo momento em que o sono nos cerra as pálpebras e a consciência.

Caso sutil êsse, esperado e sem esperança, porque esta não existe sem incerteza que se possa dissipar e, dissipada, não torne, em regra, mais cara ou mais viva e excitante a sobrevinda realidade.

32

Todo regime político, caído em corrupção, gera incontido desejo de mudança.

Quase ninguém estará isento de culpa nesse caso aflitivo. Intenta-se, não obstante, a substituição — prova de que até aos enlameados não convém a lama.

33

A ofensa feita a outrem fere também ao ofensor, expondo-o a duas penas: a íntima, que lhe vem da culpa, e a que lhe vem da alheia censura, pelo mal cometido e divulgado.